

CONTRIBUIÇÕES FOUCAULTIANAS PARA A LINGÜÍSTICA APLICADA: O SUJEITO EM QUESTÃO

Edgley Freire Tavares
(Departamento de Letras – UFRN)

Resumo

Em sua tarefa de ser responsiva à vida social e tentar criar inteligibilidade sobre quem somos na vida social, a Lingüística Aplicada vem consolidando sua condição de interface com novas perspectivas teórico-metodológicas, no intuito de falar à heterogeneidade do sujeito social e à complexidade das condições de uso da linguagem e funcionamento dos discursos. Ao seguir este rastro, nosso objetivo é sublinhar contribuições do pensamento de Michel Foucault, notadamente a questão do sujeito, aspecto que pode vir a se coadunar com os interesses atuais em LA pelos novos roteiros de subjetivação, que demandam um outro olhar para o sujeito que, aliás, apontam um outro sujeito para a LA. Somada às problematizações em torno do sujeito contemporâneo, a arqueogenealogia foucaultiana aponta caminhos possíveis para interpretar o sujeito social como atravessado pelas práticas discursivas que o constitui como uma posição social, cultural e historicamente determinada.

Palavras-chave: Lingüística Aplicada, Foucault e a questão do sujeito.

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

(Michel Foucault, O uso dos prazeres)

A linguagem é, ao mesmo tempo, condição para a construção do mundo social e caminho para encontrar soluções para compreendê-lo.

(Moita Lopes, Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada)

Introdução

No esforço por contribuir na interpretação da cena contemporânea, a Lingüística Aplicada (LA), vem buscando “inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central” (MOITA-LOPES, 2006a, p. 14). Ao lingüista aplicado se impõe o desafio de buscar repensar o social e o subjetivo a partir das práticas discursivas por meio das quais nos constituímos, produzimos sentido e nos relacionamos no mundo.

Na atual agenda de preocupações no campo da LA, tópicos como identidade e modos de subjetivação, amplamente discutidos nas ciências sociais e nas humanidades, vêm alterando o modo como o conhecimento é construído na área dos

estudos da linguagem e do discurso, tornando inevitável a interface com novas perspectivas teóricas e metodológicas que possam falar à complexidade do cotidiano contemporâneo e à heterogeneidade do sujeito social (MOITA LOPES, 2006a).

Num cenário marcado pelo questionamento dos modos tradicionais de viver a vida social e dos modelos positivistas de produzir conhecimento, uma das preocupações tem sido os novos roteiros de subjetivação atravessados pela discursividade e pelas práticas reais de uso da linguagem, em contextos institucionais múltiplos, como família, escola e mídia.

Diante do acima dito, nosso objetivo com este texto é sublinhar contribuições do pensamento de Michel Foucault para o desenvolvimento de muitas frentes de pesquisa em LA, que apontam a necessidade de compreender de outra forma o sujeito. A discorda de um sujeito cartesiano pré-lingüístico, as teorizações em LA devem não perder de vista o atravessamento histórico, as relações de poder, saber e modos de se constituir enquanto sujeitos éticos, como a obra foucaultiana nos mostra. Desta forma, o eixo saber/poder/ética na produção e/ou constituição dos sujeitos, tema central da obra foucaultiana (FOUCAULT, 1995), aparece como uma tensão a ser discutida no estudo das práticas discursivas, num processo cada vez mais visível de narração ou redescrção da vida social.

A Lingüística Aplicada hoje: repensar o social e o pessoal

Espera-se de qualquer área de estudos novos direcionamentos e um método de pesquisa que implique o repensar constante de suas bases teóricas e da própria dinâmica social. Nas ciências sociais e na área das humanidades, alega-se a importância de um diálogo com a tradição no intuito de compreender a sociedade contemporânea (FABRÍCIO, 2006). Assim, o lingüista aplicado deve olhar o mundo com uma postura crítica e de transgressão (PENNYCOOK, 2006), como pertencente a uma área de estudos mestiça e ideológica (MOITA LOPES, 2006a) e, para tanto, deve levar em conta o estado de movência do espaço-tempo atual e suas implicações no fazer pesquisa.

A caracterização do campo da LA tem cada vez mais incidido sobre a dimensão da interdisciplinaridade e para o atravessamento de contextos institucionais e culturais múltiplos (MOITA LOPES, 1996, 2006a), não perdendo de vista a especificidade de seu objeto de investigação, “o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos” (SIGNORINI, 1998, p. 101). Além disso, é notável que a LA tem se desenvolvido no âmbito dos estudos da linguagem numa linha interpretativista, como teoriza Moita Lopes (1994), vinculada a uma concepção de linguagem determinante das relações intersubjetivas e meio pelo qual podemos ter acesso à compreensão dos novos roteiros de subjetivação que emergem do tecido social.

Os construtos que têm orientado a pesquisa em LA, como área de investigação de natureza aplicada¹ e inter/transdisciplinar, buscam problematizar o uso da linguagem em contextos múltiplos, tornando patente que apenas teorias lingüísticas não são suficientes para descrever e interpretar os enunciados nas práticas discursivas contemporâneas. Ao fazer a crítica aos modelos de cientificidade e aos ideais da

¹ Ressalta-se a já resolvida questão entre aqueles que fazem uma LA responsiva a vida social (MOITA LOPES, 2006a), que a pesquisa em LA se dá em um contexto aplicado mas que não se faz aplicação de teorias lingüísticas no campo da LA.

modernidade, a LA vem questionar o chamado núcleo rígido dos estudos lingüísticos que veiculam compreensões essencializadas sobre o sujeito social e que negam a heterogeneidade das condições reais de uso da língua.

De acordo com Signorini (1998), a condição de interface apresentada por muitas frentes de pesquisa em LA se contrapõe ao que é feito em outras áreas ou subáreas dos estudos lingüísticos que articulam propostas de estudo em que o objeto de investigação é definido numa tradição disciplinar de referência. Diferentemente disso, na pesquisa em LA o problema e as questões devem ser construídos e interpretados interdisciplinarmente, indicando que o objeto de investigação em LA deve ser redefinido. Acerca disso, Signorini (1998) nos aponta que o estudo de práticas discursivas em contextos culturais e institucionais específicos deva levar em conta uma noção de língua real, falada por sujeitos situados social, cultural e historicamente. Situando as virtudes e controvérsias que marcam o amplo campo dos estudos da linguagem, alguns autores discutem uma visão de língua como prática social² que interessa ao campo de pesquisa em LA. Para Abaurre (2003), a linguagem humana é entendida como uma atividade, um trabalho de sujeitos situados histórica, social e culturalmente e que por meio de suas práticas de uso da linguagem produzem significados e se relacionam no mundo. Essa idéia de língua como prática social em que as pessoas se posicionam no mundo é compartilhada por Geraldi (2003), na mesma obra organizada por Xavier e Cortez (2003). Para Geraldi (2003), a língua é produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade. Nesse sentido, a língua é uma sistematização sempre em aberto, um processo de instabilidade e relativa estabilidade, que encerra aspectos formais e estruturais mas que como prática humana é atravessada por contingências históricas, por relações de saber e poder. Na mesma linha de entendimento, Koch (2003) coloca que a língua é simultaneamente um sistema e uma prática social.

Para avançarmos no objetivo deste artigo, acresce dizer que o que torna as definições acima interessantes é a idéia por elas sintetizada de que a linguagem é um espaço de inscrição subjetiva e social. Como diz Abaurre (2003), devemos refletir o papel da linguagem na constituição de subjetividades, pois é no exercício da linguagem que o indivíduo se vê como diferente de um *Outro*, na multiplicidade de eventos enunciativos nos quais interagimos em sociedade, nas mais diversas situações de interlocução oral e escrita, sob a forma dos mais diversos gêneros discursivos. Compartilhando de tais visões, Possenti (2003), na mesma coletânea, chama atenção para o jogo de significações que atravessa a prática social da linguagem e o modo como os sujeitos se constituem na produção de efeitos de sentidos entre interlocutores.

É com estas provocações que no campo da LA não se perde de vista a linguagem como espaço de teorizações e interpretações da vida social. É assim que entendemos o sujeito como constituído na e pela linguagem como uma posição sujeito, no dizer foucaultiano, uma função enunciativa, um atravessamento subjetivo que em si “é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2007, p. 107). Como discutiu Moita Lopes (2008) em conferência sobre a temática da construção social dos gêneros e os desafios que o

² Os posicionamentos sobre uma concepção de língua como prática social são aqui citados a partir da coletânea organizada por Antonio Carlos Xavier e Suzana Cortez, intitulada *Conversas com lingüistas*, pela editora Parábola, 2003.

questionamento sobre quem somos na vida social provoca, não há uma essência, um sentido *já aí* do que seja ser homem ou mulher, por exemplo. Os sentidos sobre quem somos são construídos nas relações intersubjetivas, nos projetos e performances de gênero e sexualidade que assumimos nas práticas discursivas em que atuamos.

Para entender o social e o subjetivo hoje, urge questionar, portanto, os modelos de sujeito e linguagem homogêneos, que pressupõem uma visão de sociedade estática em que as dimensões do social, do cultural e do histórico são renegadas à segundo plano ou simplesmente apagadas quando o assunto são os modos de subjetivação na contemporaneidade. Em outras palavras, é preciso dar vazão a pesquisas que problematizem a sócio-história dos sujeitos. É preciso pensar o modo como teorizamos a vida social, pois é preciso que a construção do conhecimento possa falar ao e causar impacto no cotidiano contemporâneo.

Não se pode sustentar numa área de estudos em que o social é primordialmente relevante, como no caso da LA, uma noção de linguagem que tenha como fulcro uma idéia de indivíduo auto-suficiente, completo em si mesmo e constituído antes dos usos da linguagem (RAJAGOPALAN, 2006). É preciso pensar um novo sujeito para a LA (MOITA LOPES, 2006b), alicerçando as pesquisas nas dimensões da política e da ética, percebendo tanto o sujeito quanto a linguagem em seu estado de devir e de incompletude, anúncios de um mundo de ambivalências e contrastes, diferenças, nas quais o sujeito e suas identidades estão sempre em contínua revisão. Na perspectiva dos estudos culturais, vários autores entre eles Hall (2005), Bauman (1999, 2005) e Moita Lopes (2003) têm discutido os impactos das transformações sociais num mundo globalizado, num cenário contemporâneo em que poucos podem ser fluidos e onde as posições de sujeito global não estão disponíveis para todos. Para entender o lugar do sujeito numa modernidade líquida, em que valores tradicionais e pontos de sutura de nossas subjetividades dão lugar a espaços institucionais e culturais em que as identificações são voláteis, a passagem a seguir nos fornece um panorama possível.

Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por *outros* – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar (BAUMAN, 2005, p. 44)

Para passarmos adiante, cumpre deixar explícita uma das características dos novos rumos da LA, no esforço para entender o social e o subjetivo, que é o diálogo com a tradição, diálogo que aponta para a arqueogenealogia do sujeito na obra de Michel Foucault. Contudo, é bom insistir: um diálogo “não para encontrar correspondências, mas para entender de onde viemos e de qual patamar movimentamos saberes e articulamos o novo” (FABRÍCIO, 2006, p. 46). É precisamente neste ponto que podemos começar a pensar contribuições de Foucault para as pesquisas em Linguística Aplicada. Como esperamos mostrar na sequência, esta arqueogenealogia do sujeito e da própria sociedade contemporânea, feita por Foucault em seus ditos e

escritos, é um norte valioso até mesmo em termos metodológicos, porque nos chama atenção para a história que nos constitui, enquanto sujeitos atravessados pelas relações de saber, poder e pelas práticas e técnicas de si, rupturas e descontinuidades que se imprimem em nossos corpos.

Um outro sujeito para LA, a temática do sujeito em Foucault: alguma relação?

Compreendida como uma área de estudos entre as ciências sociais e as humanidades, a LA requer estar problematizando que “as idéias de mundo real e de sujeito são efeitos atrelados aos eixos imbricados de poder/saber/subjetividade, provocados por relações de força” (FABRÍCIO, 2006, p. 56), na qual as identidades e as subjetividades não cessam de se constituírem de modo mutável, fragmentado e moldável no e pelo discurso.

Se o desenvolvimento atual da LA pressupõe um outro sujeito, um novo olhar para os participantes da pesquisa, a perspectiva histórico-crítica foucaultiana aponta caminhos possíveis. Numa já clássica entrevista concedida a Dreyfus e Rabinow, o pensador francês esclarece que o tema do sujeito fora, em sua obra, sua grande preocupação, pois suas pesquisas em 20 anos buscaram “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 231).

Para o nosso propósito, incorrer em uma síntese da obra foucaultiana no intuito de mostrar a importância do tema do sujeito para as problematizações acerca dos modos de subjetivação hoje, que interessam à LA, certamente é algo que escapa ao escopo deste artigo. Para falarmos um pouco sobre a importância de uma história do presente, feita por Foucault, para se pensar os modos de subjetivação mediados por práticas discursivas na contemporaneidade, mostraremos no chamado último Foucault a relação do sujeito consigo mesmo, que marca uma mudança no pensamento foucaultiano, segundo Deleuze (1992), para que o historiador das idéias pudesse continuar a refletir e a escrever. Isso não sem antes comungar com o entendimento de Fischer (1999, p. 54) para quem o legado de Foucault importa, sobretudo, no fato de que “para pensar, investigar ou pesquisar qualquer tema, particularmente no campo das ciências humanas, é absolutamente imprescindível dedicar-se a um trabalho que contemple o ponto de vista histórico”.

A questão do sujeito em Foucault ainda está sempre por ser explorada, sobretudo, na última parte de sua obra, a partir de *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da Sexualidade*. No final deste livro, Foucault (1988) tendo mostrado um dispositivo da sexualidade, entre os níveis da língua e do discurso, relativizou a hipótese repressiva para mostrar como o sexo foi colocado em discurso por um jogo de disposições que mais incitaram do que fizeram calar. Tendo ainda se debruçado sobre técnicas de saber e poder ao falar dos saberes na sociedade ocidental sobre o sexo, Foucault (1988, p. 174) proclama: “Ironia deste dispositivo [da sexualidade]: é preciso acreditarmos que nisso está nossa liberação”.

Não seria demais ver aí uma chave de leitura para entender o silêncio editorial do autor e o descaminho do seu pensamento que o levaram a pensar nesta figura que escapa ao poder e sobre o qual os discursos não podem dizer tudo. E esta

guinada em seu pensamento o levou a continuar uma genealogia do sujeito de desejo, debruçando-se sobre uma arte de existir guiada pelo cuidado consigo mesmo que concerne, como rupturas e descontinuidades históricas que foram necessárias reconstruir, ao modo de vida clássico, desde os gregos.

Entender o tema do sujeito em Foucault, e mais notadamente, a sua genealogia dos modos de subjetivação é algo que aponta caminhos possíveis para criar inteligibilidade sobre o sujeito e os modos de subjetivação na contemporaneidade, que estariam nos interesses da atual agenda ética de pesquisa em LA. Do que foi até agora sublinhado aqui, para tentar apontar contribuições foucaultianas, importa mesmo entender como o pensador francês constrói uma trajetória do sujeito (FISCHER, 1999) que aponta, nos seus últimos ditos e escritos, para “as formas e as modalidades da relação consigo mesmo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito” (FOUCAULT, 1984, p. 11)

O que Foucault (1984, 1985) demarcou nos dois últimos volumes da *História da sexualidade* cujo foco foi tema para um curso inteiro em 1982, no Collège de France, intitulado *A hermenêutica do sujeito*, foi o modo de subjetivação clássico a partir de práticas e técnicas de si que permeiam a relação entre subjetividade e verdade. Com isto, Foucault nos mostra nestas obras como o indivíduo moderno pôde fazer a experiência de si como sujeito de si e de uma sexualidade.

Todavia, entender as contribuições de Foucault para a LA implica perceber, como propõe o comentário (MACHADO, 1999; FISCHER, 1999; ARAÚJO, 2001) que houve nesta trajetória do sujeito em Foucault, um projeto arqueogenealógico. Assim, precisamos compreender, num panorama de sua obra como um todo, como o autor interrogou as práticas discursivas que articulavam saberes e, da mesma forma, reconhecer como foram problematizadas as manifestações de poder. E tudo isso, tendo em vista os deslocamentos de sua obra necessários para entender o sujeito, tema central de sua obra (FOUCAULT, 1995).

Como também aponta Cardoso Jr (2005), a redefinição no tema da subjetividade deve-se ao fato de Foucault ter percebido que os processos de subjetivação que constituem o sujeito possuem uma vigência milenar, desde os gregos, que viria a envolver as técnicas de saber e poder vigentes na sociedade moderna e de alguma forma repercute em nossa experiência, hoje, como sujeitos.

Em *O uso dos prazeres*, segundo volume da *História da sexualidade*, Foucault (1984) redefine os rumos de sua história da sexualidade. Todavia, um descaminho que não tira Foucault do seu projeto de escrever uma história da sexualidade enquanto experiência do sujeito. Como também lembra Cardoso Jr (2005), em sua leitura da mudança de rumo na obra foucaultiana, somos informados de que a sexualidade é um dentre os modos históricos por meio do qual constituímos a nossa experiência subjetiva. Acerca disto, o próprio Foucault (1984) define experiência como a correlação, numa dada cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade.

Para Deleuze (1992), Foucault passa a trilhar formações históricas diferentes, pois como sabemos, o retorno aos gregos representou continuar sua genealogia da experiência subjetiva na antiguidade clássica e tardia passando a se orientar em função dos modos de subjetivação. É este o entendimento foucaultiano, em *O cuidado de si*, terceiro volume de sua *História da sexualidade*, no qual Foucault

(1985) entende a subjetividade como uma prática, como um processo e como um modo de vida envolvendo práticas e técnicas de si, reunidas sob o signo de uma arte da existência. Acerca desta arte de viver, o autor localizou nos séc. I e II a idade de ouro do cuidado de si, princípio geral dos modos de subjetivação entre os clássicos e “preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo” (FOUCAULT, 1985, p. 50). Cuidado de si este que vem a ser “um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação” (FOUCAULT, 1985, p. 53). Além disso, a dimensão do si que envolve a subjetividade em modos de subjetivação é uma prática pessoal e social na qual “o conhecimento de si ocupa evidentemente um lugar considerável” (FOUCAULT, 1985, p. 63).

E a questão a que nos propomos neste texto pode ser agora precisada. Investigar, na perspectiva da Linguística Aplicada, os processos de subjetivação mediados pelo uso da linguagem requer trabalhar sob um ângulo crítico histórico. Compreender os modos de subjetivação contemporâneos implica problematizar, sob a perspectiva arqueogenealógica foucaultiana, os problemas e os questionamentos da vida social em meio aos usos da linguagem e ao funcionamento do discurso. É preciso compreender as narrativas sociais e pessoais na dinâmica do transitório, como diz Bauman (2005), que muda a percepção que temos de nós próprios e do *Outro*, e impõe desafios ao lingüista aplicado na construção do conhecimento. E tendo isto em conta, as contribuições de uma obra que em sua extensão pensou as várias formas pelas quais os sujeitos constroem suas experiências subjetivas, parece-nos algo bastante evidente.

A importância de recorrer ao pensamento foucaultiano, para historicizar o sujeito e dar contexto aos modos de subjetivação na contemporaneidade, é comentado por Deleuze (1992) que, em nossa opinião, tem uma chave de leitura imprescindível para concluirmos o diálogo com Foucault na LA. Tentando responder à questão do interesse e da necessidade de Foucault reorientar os seus estudos rumo aos modos de subjetivação, Deleuze (1992, p. 131) afirma: “Há algo essencial de um extremo a outro da obra de Foucault: ele sempre tratou de formações históricas (de curta duração, ou, no final, de longa duração), mas sempre em relação a nós, hoje”. Cerceando dúvidas, conclui Deleuze:

As formações históricas só o interessavam porque assinalam de onde nós saímos, o que nos cerca, aquilo com o que estamos em vias de romper para encontrar novas relações que nos expressem. O que o interessa realmente é a nossa relação atual com a loucura, nossa relação com as punições, com o poder, com a sexualidade. Não são os gregos, é a nossa relação com a subjetivação, nossas maneiras de nos constituirmos como sujeito (DELEUZE, 1992, p. 131-132).

Ainda segundo Deleuze (1992), certamente é preciso interrogar os gregos, mas apenas porque foram eles, como escreve Foucault (1984, 1985 e 2006), que inventaram os modos de subjetivação. Portanto, é preciso empreender, hoje, a uma arqueogenealogia de nossas práticas de subjetivação, ou seja, mostrar uma proveniência histórica daquilo que nos constitui como sujeitos éticos na contemporaneidade, no atravessamento, é bom que não esqueçamos, de relações de saber e poder próprios dos discursos que se materializam no cultural. De forma descontínua e procurando as séries

possíveis, é preciso olhar o arquivo de nosso tempo e pensar o eixo saber/poder/ética, como o legado de Foucault indica, que torna possível a experiência subjetiva.

Da temática do sujeito em Foucault, resta-nos perceber a emergência do sujeito nas práticas de si como o caminho pelo qual o autor continuou a pensar o estatuto do sujeito. Ao dar voz a este sujeito constituinte, de uma ação sobre si, Foucault nos dá a chance de pensar o sujeito para além das práticas discursivas (dos saberes) e para além as técnicas de poder e manifestações de biopoder que objetivam. Ou pelo menos, há uma possibilidade de pensar uma relação diferenciada desta subjetividade hoje na qual nem o poder e nem dos discursos do cotidiano podem dizer tudo o que nós somos.

Fica, sobretudo, evidente, o método histórico crítico por meio do qual podemos manter um diálogo com a tradição, como diz Fabrício (2006), para reconhecer de qual patamar movimentamos saberes novos sempre necessários a qualquer área de estudos. Diálogo quer permite voltar os olhos para o passado não na busca de uma origem simplesmente, pois o que torna a obra e o método foucaultiano interessantes é a forma como ele nos ensina a pensar as diferenças, as transformações e pontos de rupturas na formação de novos discursos e na constituição de subjetividades.

Concluindo: por uma arqueogenealogia dos modos de subjetivação

O diálogo com a obra de Foucault, incide, seja qual for a opção feita, sobre o método arqueogenealógico com o qual o autor viu o trabalho sobre a história, a linguagem e o sujeito. No campo da Linguística Aplicada, uma crítica ao sujeito a partir de Foucault (ARAÚJO, 2001) implica fazer a genealogia das práticas discursivas, das técnicas e estratégias de poder/ biopoder e práticas subjetivadoras que marcam uma história no corpo do indivíduo. Razão pela qual o diálogo com o pensamento foucaultiano, de sua história do presente, torna-se possível porque o ângulo historicista mostra-se um diálogo proveitoso nas ciências sociais e na área das humanidades.

Diálogo este que se torna ainda mais pertinente quando partimos de sua obra para problematizar a subjetividade e as novas narrativas do sujeito hoje. Pensar o presente, de forma, digamos, foucaultiana, é dialogar com a tradição para ver os deslocamentos históricos que incidem sobre o sujeito do devir. É este o sujeito da Linguística Aplicada como quer Moita Lopes (2006b) e demais teóricos da área, este sujeito em meio a uma sedutora mobilidade e posições de sujeito efêmeras, por isso sedutoras.

As subjetividades contemporâneas devem ser interpretadas, no terreno da LA, tendo em vista o arquivo da contemporaneidade, ou seja, o estado de coisas não estático, cambiante, conflitante e marcado pelas diferenças, pela lutas de contestação e reafirmação que marcam as identidades e os processos de subjetivação na contemporaneidade. Dialogar com Foucault e seu viés historicista é um trabalho eficaz que só é possível se entendermos a trajetória do tema do sujeito em sua obra e como, no último eixo dos seus escritos, evidencia-se um trabalho acerca da subjetividade numa dimensão ética. Um trabalho, diga-se de passagem, que deve buscar nos textos do

chamado último Foucault, razões históricas para problematizar o presente, para pensar a sócio-história dos nossos corpos hoje.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? *Foucault, tempo e corpo*. **PISCOLOGIA: REFLEXÃO E CRÍTICA**, vol. 18, n. 3, 2005, p. 343-349.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Lingüística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. **EDUCAÇÃO E REALIDADE**, vol. 24, n. 1, 1999, p. 39-59.

FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade I**; A vontade de saber. tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II**; O uso dos prazeres. tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III**; O cuidado de si. tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, vol. 10, n. 2, 1994, p. 329-338.

_____. Contextos institucionais em lingüística aplicada: novos rumos. **INTERCÂMBIO**, vol. 5, 1996, p. 3-14.

_____. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais (introdução). In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Discurso de identidades**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2003.

_____. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado (introdução). In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006a.

_____. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006b.

_____. Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos queer. Conferência proferida no **IV Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**. Campina Grande, 2008.

PENNYCOOK, Alastair. Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da lingüística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma lingüística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em lingüística aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas/SP: Mercado das letras, 1998.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). **Conversas com lingüistas:** virtudes e controvérsias da lingüística. Rio de Janeiro: Parábola editorial, 2003.